

Laramara, auxiliaram como base sólida para estruturar esta ação como momento único de troca e aprendizagem para o público e principalmente para os educadores envolvidos.

4. Pesquisa de público dos participantes da atividade Primeiros Passos no Museu

4.1. *Concepção do modelo de pesquisa*

Como se tratava de uma experiência nova no Museu julgamos fundamental a criação de uma pesquisa de público, instrumento a partir do qual poderíamos compreender o perfil dos participantes da ação bem como suas expectativas e opiniões acerca das atividades desenvolvidas.

Sendo assim, criou-se um questionário dividido em três blocos: perfil do adulto responsável, perfil do bebê e avaliação da visita. O questionário possui dez questões, das quais três são abertas, uma combinadas e seis fechadas (ver Anexo II).

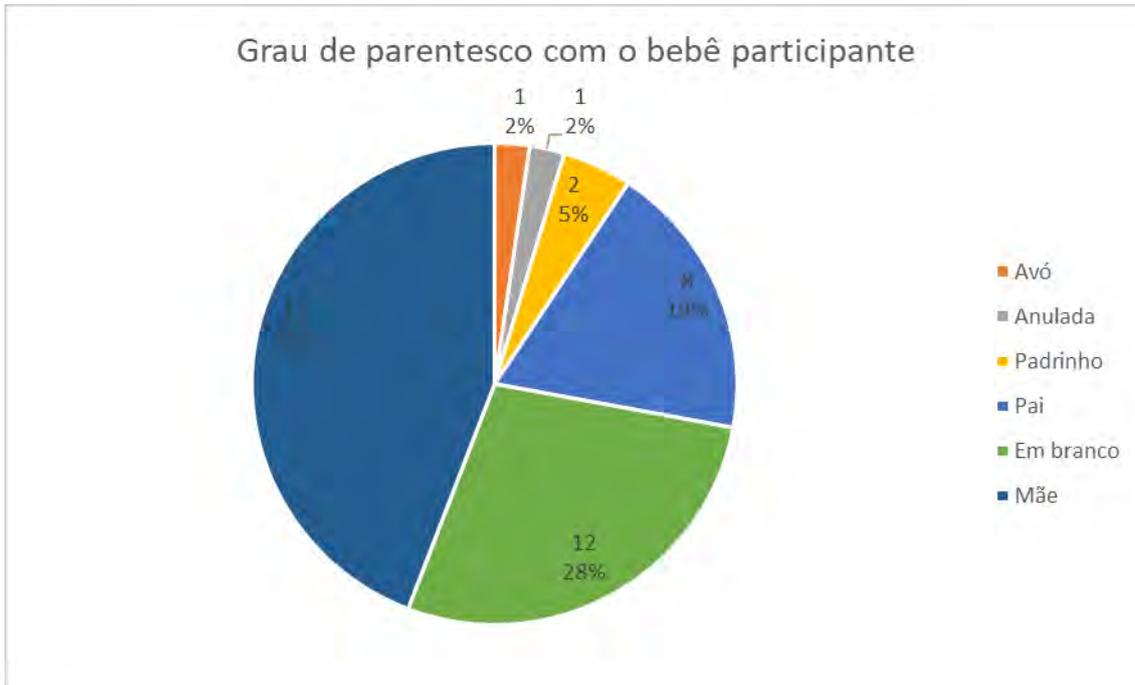
O questionário foi entregue a todos os adultos, tomando-se o cuidado de no momento da tabulação não duplicar os dados do bebê que por ventura tivesse mais de um responsável. Essa opção deveu-se ao fato de podermos confrontar as diferentes visões da ação pela fiura materna e demais acompanhantes, além de propiciar uma amostragem mais ampla que nos permitisse refletir sobre as questões apontadas a fim de nos organizarmos para as próximas edições da atividade.

Dessa foram, os dados de perfil seja dos responsáveis como dos bebês contribuíram para a ação ainda em seu decorrer. Como por exemplo, perceber os canais mais efetivos para divulgação da atividade, além de permitir o direcionamento das ações em razão das faixas etárias predominantes dos bebês acolhidos.

4.2. *Perfil do público participante*

A atividade *Primeiros Passos no Museu* teve três edições no ano de 2017 em que se verificou uma variação maior no perfil dos adultos acompanhantes, ainda que nas três edições constatou-se sempre a presença materna ora acompanhada pelo pai ora não. A compreensão desse perfil, possibilitou o entendimento de como se dariam as interações entre os bebês, responsáveis e educadores do Museu.

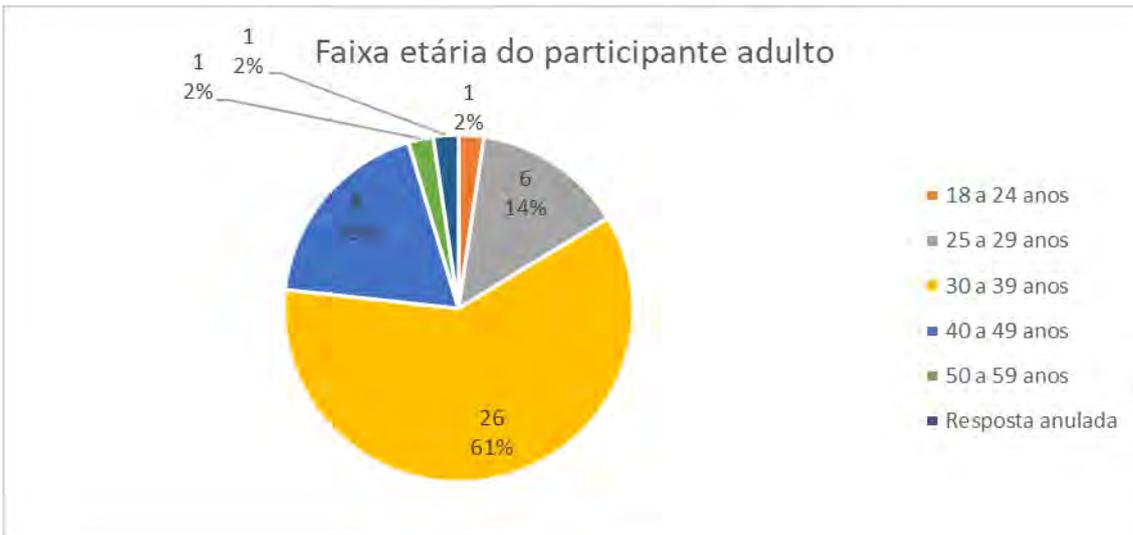
Conforme demonstra o gráfico abaixo, que contabiliza todo o universo da pesquisa coletado durante as três edições da atividade, há um predomínio da figura materna, 44% do público adulto participante da ação. Na sequência aparece a figura paterna, 19% dos respondentes. Ainda foram indicados os seguintes graus de parentesco: padrinho (5%) e avó (5%).



Para além dos pais, apenas na edição da Virada Inclusiva, tivemos a presença de outros familiares dos bebês, como avós e padrinhos. Foi possível perceber que estas figuras, para além da família nuclear, são importantes para cuidar da criança em momentos específicos e para o transporte das bolsas e objetos do bebê. Familiares como avós, mães grávidas e mesmo os pais nos instigaram a promover um maior conforto no trajeto da visita.

Por esta razão, a última edição da Virada Inclusiva incluiu mais cadeiras para os familiares sentarem, na primeira parte da atividade (caixa de texturas do jardim dos fundos) e pilhas de almofadas para os adultos sentarem no momento de preenchimento da pesquisa de avaliação. Seria importante ter mais banquinhos que pudessem ser transportados, principalmente para mães que amamentam os bebês ao longo da atividade.

A faixa etária predominante dos adultos foi entre 30 e 39 anos de idade, pouco mais de 60% da amostra. Verificou-se o predomínio dessa faixa na três edições da atividade. Constatou-se que muitos dos participantes eram parte de um círculo de amigos comuns, criados em razão da busca de atividades para bebês, por isso de faixa etária semelhantes e gostos. Todos os pais tinham acesso aos meios digitais, apenas os adultos de outras faixas etárias (avós ou outros familiares) tinham pouco contato com as redes sociais digitais e tomaram conhecimento da atividade por meio de pessoas conhecidas.

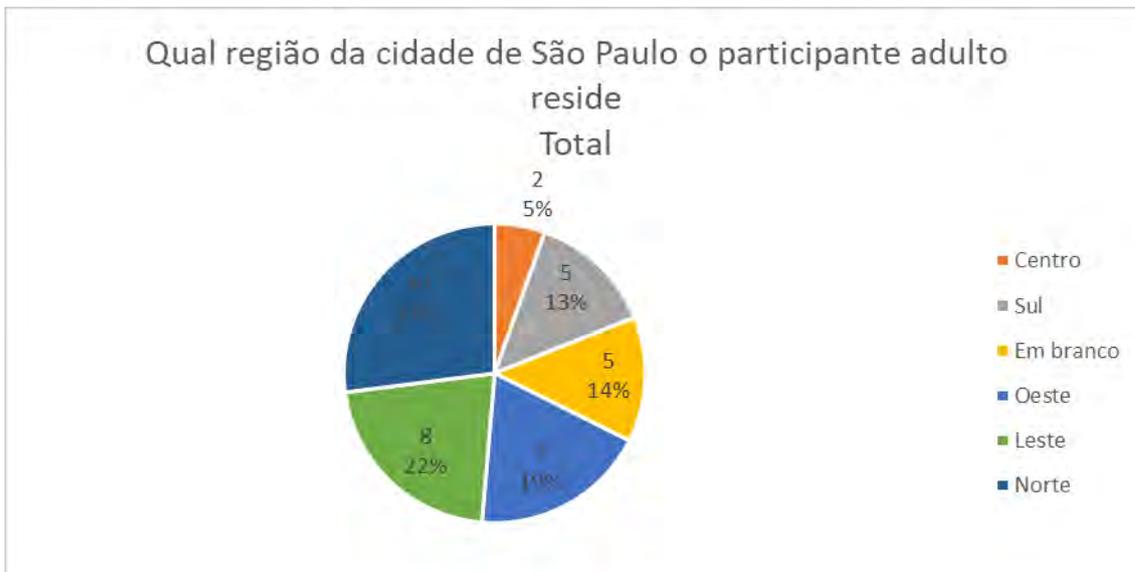


Em todas as edições, a maior parte dos participantes adultos residiam na cidade de São Paulo, o que facilitava no transporte até o Museu de Arte Sacra, 87% do público total. Aqueles que indicaram residir em outras cidades, 14%, vieram de Guarulhos, São Bernardo do Campo e Osasco. A distância que percorreram para estarem presentes na atividade demonstra a carência de oferta de ações culturais para o público da primeira infância nas cidades vizinhas. Em conversa com a mãe que residia em São Bernardo do Campo, esta alegou que não conhecia nenhum local que oferecia atividades para bebês e família e por isso sempre vinha para a cidade de São Paulo em busca de tal programação.



Quanto à região em que estas famílias residem houve uma distribuição equilibrada entre as diferentes zonas da cidade. Ainda que constatássemos o predomínio daqueles que residem na zona norte, 27%. Provavelmente o protagonismo dessa região deve-se ao fato do Museu de Arte Sacra localizar-se numa área central que limita o acesso com a zona norte. Ainda que percebeu-se que muitos dos residentes na zona norte não tivessem visitado o museu anteriormente. Na sequência aparecem os residentes nas zonas leste e oeste,

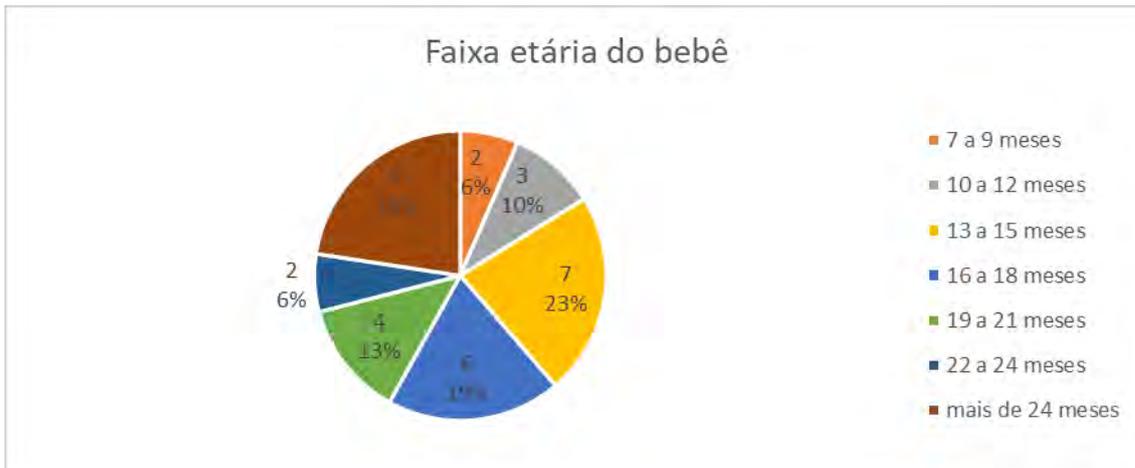
respectivamente 22% e 19%. A constatação de participantes de todas as regiões da cidade é um indício da redução da oferta de atividades voltadas para esse público, o que faz com que se disponham à busca-las em regiões mais afastadas de seus domicílios.



As faixas etárias do bebê foram distribuídas na pesquisa com uma diferença pequena e por meses. Sabemos que poucos meses geram mudanças significativas, inclusive na interação entre os participantes bebês (os que já engatinhavam, os que sabiam andar e os que balbuciavam as primeiras palavras) e na interação com os materiais ofertados ao longo da atividade (água, produtos que poderiam ser ingeridos, objetos que pudessem ser pisados, objetos a serem segurados que exigiam coordenação motora fina, como o movimento de pinça etc.).

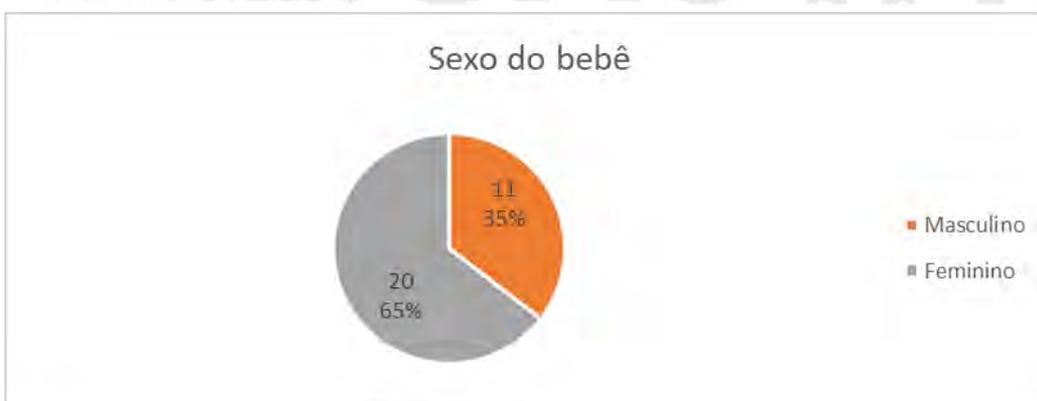
Notamos que a maior parcela dos bebês, 23%, foi formada por crianças com mais de 24 meses. Também com essa mesma porcentagem aparecem aqueles que têm de 13 a 15 meses. Desta forma, a maioria dos bebês já sabiam engatinhar ou andar o que permitiu uma interação mais efetiva ao longo das etapas propostas na visita. De fato, como supunhíamos, a menor porcentagem é daqueles mais jovens, na faixa etária de 7 a 9 meses, 6%.

A interação entre bebês de colo e dos maiores que já sabiam andar e correr foi interessante, porém, percebeu-se que os participantes que ainda não engatinhavam tiveram um aproveitamento menor da primeira etapa de atividade (caixa com texturas) e da última (para atravessar o túnel com luzes e texturas). Ainda que se considere essa disparidade no aproveitamento dos participantes, acreditamos que a experiência museal ainda que mínima já seja interessante para estimular não só a percepção desse espaço de forma sinestésica pelos bebês, mas também pelos próprios adultos. Já que esses últimos tornam-se responsáveis pelo estímulo de hábitos culturais das crianças nessa primeira etapa da vida.



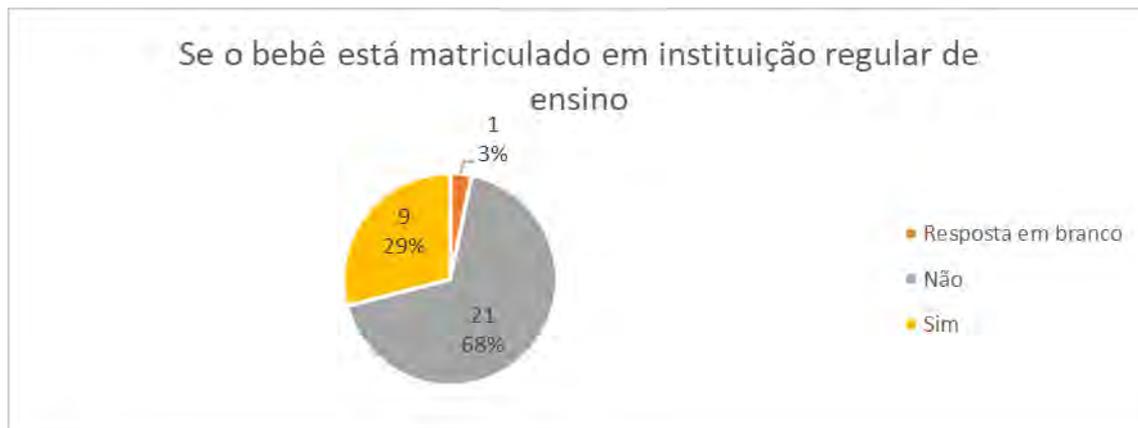
Após uma reflexão mais ampla, a partir da primeira experiências com bebês identificou-se que a ação *Primeiros Passos no Museu* abarca os bebês que de acordo com as fase de desenvolvimento infantil propostas por Jean Piaget estariam no período sensório-motor. Neste estágio o bebê percebe o mundo e atua nele por meio de comportamentos motores simples. O bebê sente o mundo por meio da presença e deslocamento do seu corpo neste espaço. Devido às características específicas de cada subestágio, sugere-se modificar as pesquisa das próximas edições para as seguintes faixas etárias: menor de 4 meses; 4 a 8 meses; 8 a 12 meses; 12 a 18 meses, 18 a 24 meses e acima de 24 meses.

Quanto ao sexo dos participantes bebês, notou-se que haviam mais meninas. Contudo, isso se mostrou uma característica irrelevante para o decorrer da visita, tanto para os participantes, quanto para os educadores. Nenhum material de apoio e pedagógico foi criado pensando em separação por sexo/gênero e não houve nenhuma demanda para tal.



Por fim, para terminar de traçar o perfil do público de bebês participante, foi questionado sobre a presença deles em instituições de ensino formal regular. Isto porque a interação entre os bebês e o mundo

externo se altera com a socialização dos bebês nas escolas. A maior parcela dos bebês não frequentam uma instituição regular de ensino, 68%. Sendo assim, acreditamos que para além de estimular o desenvolvimento cognitivo do bebê, promova também o desenvolvimento interacional/social entre os participantes. Nesse sentido vale mencionar o comentário de um dos pais de que o bebê “não frequenta a escola ainda e é filho único, então só nessas ocasiões que ele tem contato com outras crianças”.



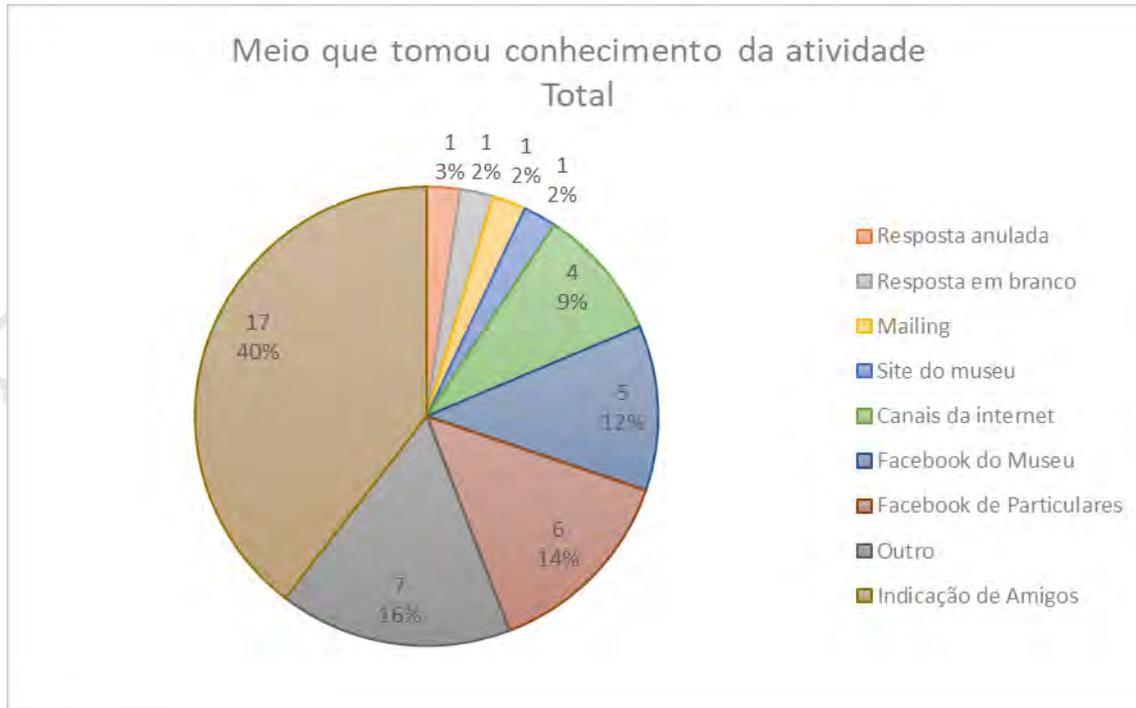
4.3. Sobre a atividade

Por se tratar de uma primeira atividade destinada a esse público, pouco frequente na instituição, fazê-la chegar aos canais de divulgação que, de fato, atingiriam o público-alvo foi um desafio. Percebemos que a maior parcela dos participantes ficou sabendo da ação por meio da indicação de amigos, 40%. Tal dado se justifica pela rara oferta de programação para bebês em espaços culturais, sendo assim é entendível que quando surja alguma logo nos lembremos de indicar aos conhecidos que tenham bebês e, que por ventura, possam se interessar.

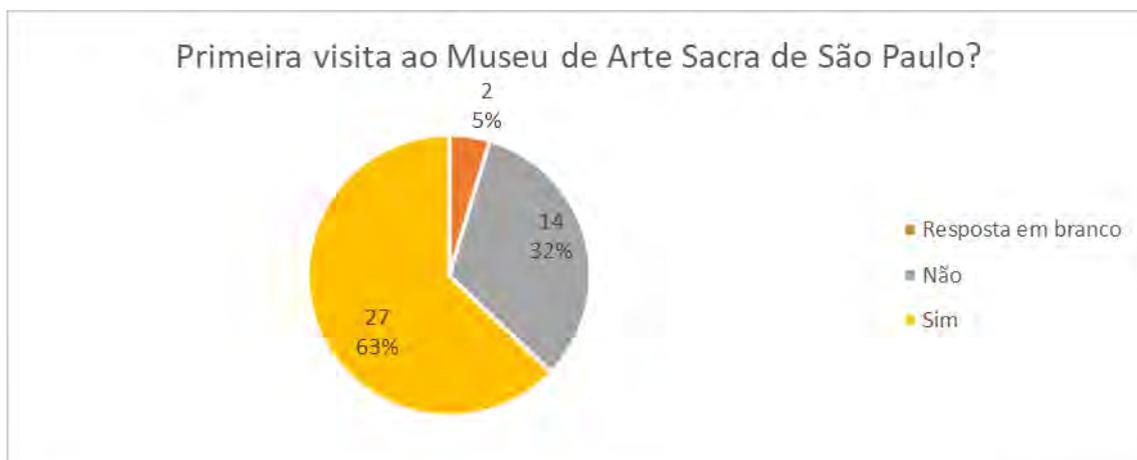
Ainda entre aqueles que indicaram ter ciência da ação a partir de amigos está um grupo de pais que se dedica a compartilhar programações para bebês na cidade por meio do *Whatsapp*. Essa prática já foi constatada em outras ações ofertadas para o público infanto-juvenil pela Ação Educativa e percebemos o seu potencial para fidelização das famílias atendidas que regressam para novas atividades e as difundem entre os amigos.

Outro canal importante para divulgação da ação é a rede social Facebook, apontada por pouco mais de um quarto dos participantes. Destes, 14% afirmaram saber do encontro pelo perfil de particulares e 12% pelo próprio perfil do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Dentre aqueles que assinalaram a alternativa “Outros” está uma mãe, que em visita ao Museu, observou os preparativos para a atividade minutos antes de sua realização e resolveu participar.



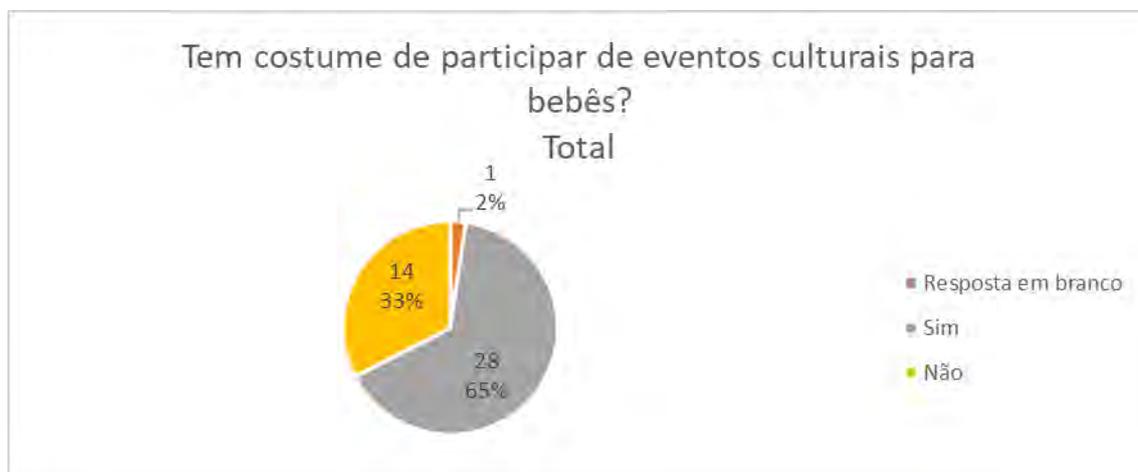
Dos respondentes da pesquisa, a maior parte deles, 63%, afirmou que a participação da atividade *Primeiros Passos* os levou a realizar a primeira visita ao Museu de Arte Sacra. Tal dado deve-se ao caráter da atividade que se destinou ao atendimento de um público até então nunca contemplado em uma atividade educativa específica na instituição. Entendemos que esse dado vai ao encontro do fato da maior parte dos respondentes mencionarem que soube da ação por meio da indicação de amigos, provavelmente estes terceiros já conheciam o museu seja em razão de visitas anteriores, da participação de atividades educativas ou da própria ação para bebês, realizada pela primeira vez no mês de outubro.



Um dado emblemático é que 98% dos participantes manifestaram interesse em participar de atividades semelhantes, o que pode ser compreendido à luz da pouca oferta desse tipo de atividade por instituições museais e também pela aprovação da atividade que tinham participado.



Percebemos que a maior parcela dos respondentes tem o costume de participar de eventos culturais para bebês, 65%. Ao longo das visitas percebeu-se que os bebês cujos pais afirmaram ter o hábito de participar de atividades desenvolvidas para famílias com crianças pequenas se sociabilizavam mais facilmente com os demais bebês e com os próprios materiais educativos desenvolvidos para a ação. Além do menor tempo para adaptação ao local, o que fez com que usufríssem mais da visita, com uma menor necessidade de estímulo por parte dos pais e dos educadores para interagir.



No caso da edição com os bebês atendidos pela instituição Laramara, percebeu-se que a demanda por participar de eventos culturais com bebês deveu-se à busca da fisioterapeuta da instituição por instituições organizadas para receber crianças com deficiências visuais e outras associadas (cegos, de baixa visão e/ou com paralisia). A mesma relatou a dificuldade de encontrar atividades que fossem acessíveis a este público (com material sensorial tátil, de luz focada, meios sonoros e que estimulem outros sentidos). O Museu de Arte Sacra de São Paulo era o primeiro museu que ela acompanhava com este grupo de participantes e a intenção foi de iniciar uma parceria para que eles retornassem com uma periodicidade.

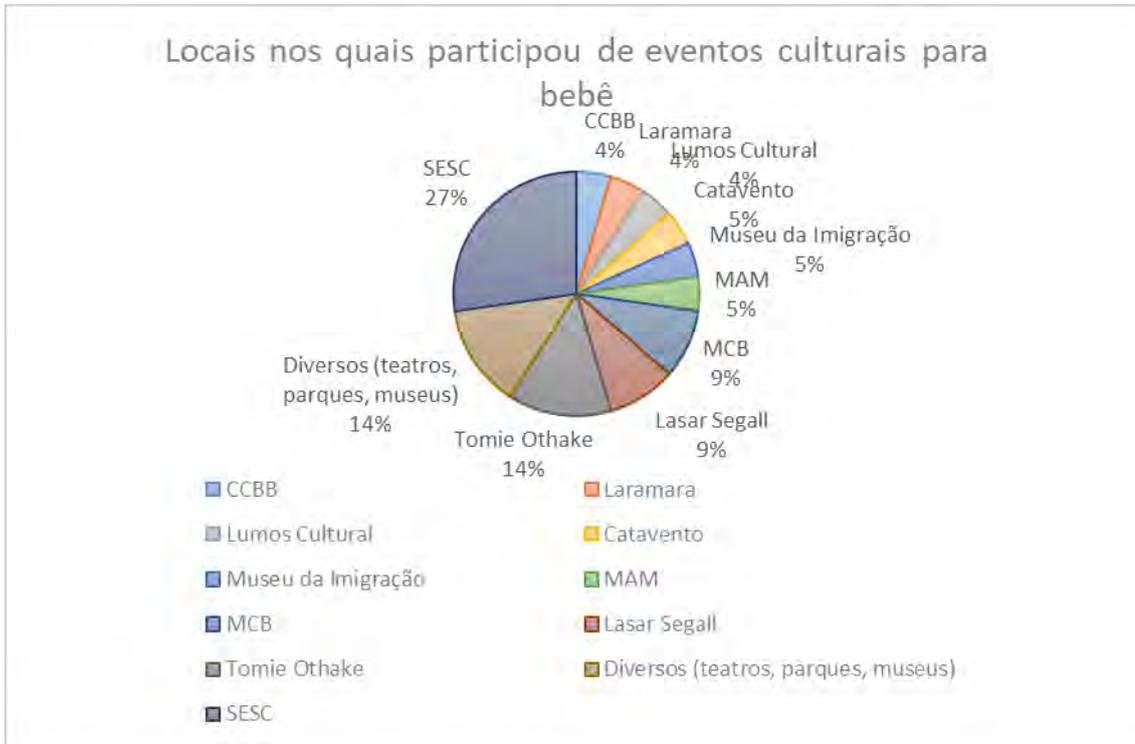
Daqueles que afirmaram frequentar eventos culturais para bebês regularmente, a maior parte indicou fazê-lo mensalmente, 50% da amostra. Percebe-se por parte dos participantes um desejo de participar de ações desse tipo regularmente seja a partir de apontamentos diretos ou do questionamento sobre a mutabilidade da atividade ofertada.



A partir de uma questão aberta em que os participantes citavam as instituições que frequentam ou já frequentaram com bebês foi possível mapear os locais que oferecem atividades culturais voltadas para a primeira infância.

Dentre aqueles que indicaram os locais onde tinham participado de atividades para bebês o mais citado é o SESC, 27%. Tal dado deve-se à extensão programação recreativa ofertada nas diversas unidades para esse público. Dentre os museus, os mais citados foram o Instituto Tomie Othake (14%) que desenvolve uma programação mensal para bebês, intitulada *No colo*, o Museu Lasar Segall²³ e o Museu da Casa Brasileira, ambos lembrados por 9% dos pais.

²³ Vencedor do prêmio “Melhores Práticas do CECA/ICOM – Conselho Nacional dos Museus com o projeto *Bebês no Museu*.”



Em uma questão fechada socilitamos aos participantes que atribuíssem conceitos aos aspectos de infraestrutura do museu e da própria ação para bebês que julgamos importantes de serem mensurados, a saber: condições dos locais para amamentação, condições dos trocadores/fraldários, condições dos banheiros, possibilidade de interação entre as crianças, possibilidade de interação entre pais/famílias e bebês, adequação da atividade à faixa etária, materiais utilizados, atuação dos educadores, duração da atividade, divulgação da atividade e processo de inscrição.

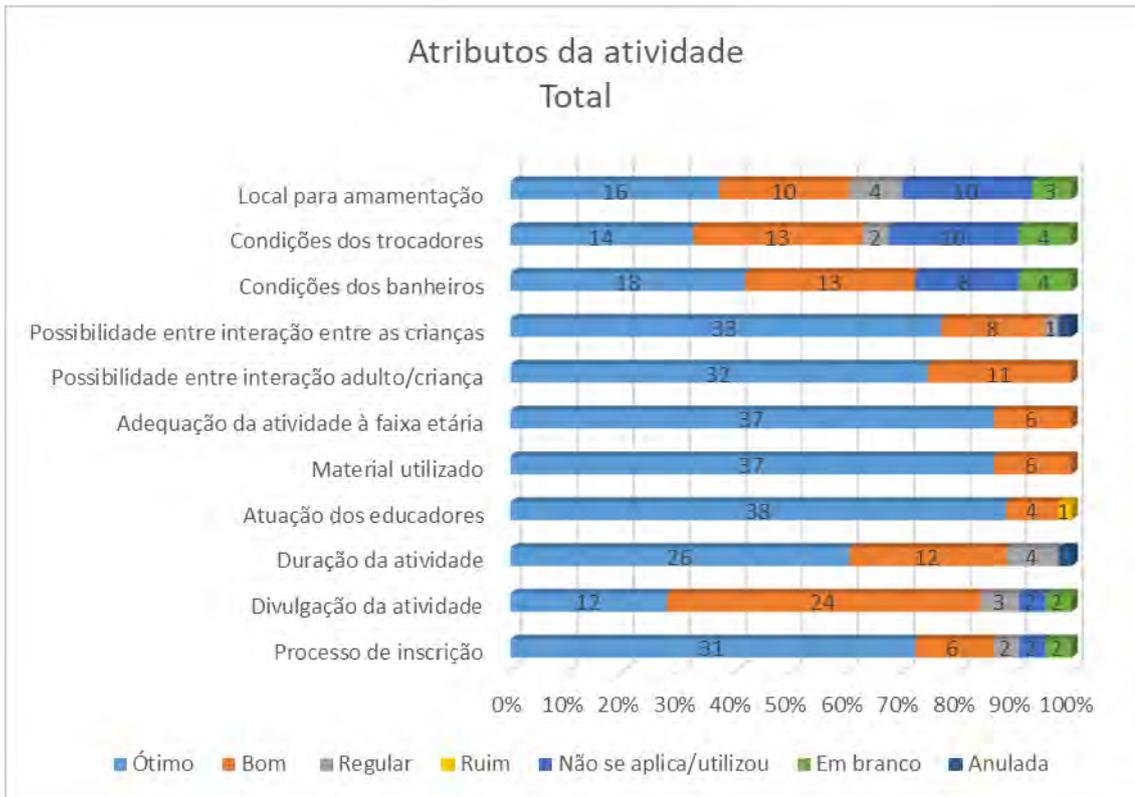
Os aspectos que receberam uma maior concentração do conceito “ótimo” foram aqueles relativos à ação educativa propriamente dita, isto é, a atuação dos educadores, a adequação da atividade à faixa etária e dos materiais produzidos para atividade . É importante salientar que tais aspectos também foram elogiados pelos participantes da visita advindos da instituição Laramara o que demonstra a acessibilidade da atividade para bebês com ou sem deficiência. Dentre os aspectos avaliados que concernem diretamente à ação educativa, a duração da visita foi aquele que obteve o menor índice de respostas “ótimo” e o único a obter o conceito “regular”, ainda que em pouquíssima quantidade. Creditamos esse dado a disparidade entre as expectativas dos pais e a propensão à concentração e participação dos bebês, isto é, enquanto boa parcela dos pais clamavam por uma duração maior da ação, já que entendida como um momento de

sociabilidade entre os próprios pais e filhos ou entre outros bebês e adultos na mesma condição, algumas das crianças encerraram a ação dormindo dado ao cansaço.

Felizmente identificou-se que a interação seja entre os bebês ou entre os pais e os filhos receberam um número elevado de respostas “ótimo”, o que nos indica que ainda que experimental a ação Primeiros Passos teve êxito em gerar essa proximidade entre as famílias e os participantes, um dos objetivos norteadores da ação.

Quanto à infraestrutura do museu para receber tal perfil de grupos, percebe-se que não houve grandes críticas aos locais disponibilizados para amamentação, aos banheiros e aos trocadores. Esses aspectos nos preocupavam bastante já que apenas há trocadores no banheiro feminino. Atualmente, pleiteamos a instalação de mais um trocador que seja acessível aos homens (no próprio banheiro masculino ou até mesmo em uma área de acesso comum como, por exemplo, um banheiro destinado às famílias com bebês e crianças pequenas). Contudo, para a primeira etapa da atividade, na última edição, montamos algumas mesas nos jardins dos fundos, para que os pais trocassem as roupas de seus bebês e também pudessem amamentá-los, com a intenção de assegurar o conforto dos participantes, sobretudo na etapa inicial da ação em que os bebês são estimulados a interagir com materiais com os quais se sujam. Outra questão a ser pensada relativa à infraestrutura do museu é a possibilidade da instalação de bancos em algumas áreas expositivas para além das conversadeiras, frequentes no perímetro dos corredores que abriga a exposição de longa duração.

Por fim, dentre os aspectos relativos à difusão da ação, o processo de inscrição foi o mais bem avaliado. As inscrições foram feitas por meio do preenchimento de um formulário *online* no site do museu, no qual os pais discriminavam o perfil do bebê e do adulto responsável. Ainda que dado o número restrito de vagas, dez por ação, fosse necessário o aguardo da confirmação mediante à desistência de participantes, tal aspecto recebeu uma avaliação positiva. A divulgação das atividades receberam a maior concentração do conceito “bom”, dado que vai ao encontro de outras pesquisas realizadas referentes às ações educativas promovidas na instituição.



Quando questionados sobre as principais contribuições para os participantes, a maior parcela dos respondentes apontou a sociabilização da criança (23%) e a inserção dos bebês em espaços culturais (22%). Tais dados indicam-nos que de fato o que os motiva é a possibilidade de encontrar espaços culturais que se proponham a receber bebês, o que não é frequente no caso dos museus.

Entendemos que a própria sociabilização destes bebês envolve a presença deles nos espaços culturais, pois são nestes espaços que estabelecem os primeiros contatos com outras crianças, visto que muitos deles ainda não frequentam escolinhas e poucos possuem irmãos.

O estímulo aos aspectos cognitivos e sinestésicos dos bebês, ainda que sejam uma condição fundamental para o êxito da proposta educativa para esse perfil de público, aos olhos dos adultos ficam em segundo plano. O mais apontado é o estímulo visual (15%), trata-se daquele que normalmente é associado ao ato de visitar museus independente da faixa etária do público, seguido da coordenação motora (12%) e percepção auditiva (5%).



Em uma questão aberta sugerimos aos participantes que indicassem o aspecto que mais gostou na visita. Se agruparmos todas as respostas que mencionam de alguma forma as atividades e os materiais desenvolvidos para explorar o museu de maneira sensorial com bebês, percebemos que trata-se do ponto mais elogiado, 46%²⁴. Deles destacam-se os materiais utilizados e as atividades sensoriais, ambos foram apontados por 17% dos entrevistados.

Outro grupo de questões apontadas como favoritas pelos participantes relaciona-se diretamente ao fato da experiência com os bebês dar-se no Museu de Arte Sacra, 24%. A saber: conhecer o museu com os bebês, 7%, o ambiente expositivo da sala da taipa, único que obteve uma indicação entre os itens mais apreciados, 5% e a exploração de diferentes salas do museu, 2%. Por fim, verifica-se também entre os aspectos mais citados as menções entre as interações: bebês com demais bebês, 7% e bebês com adultos, 5%.

²⁴ Somatória das respostas: túnel (5%), área sensorial com pedras (2%), interação entre bebês e materiais (5%), atividades sensoriais (17%) e matérias educativos (17%).



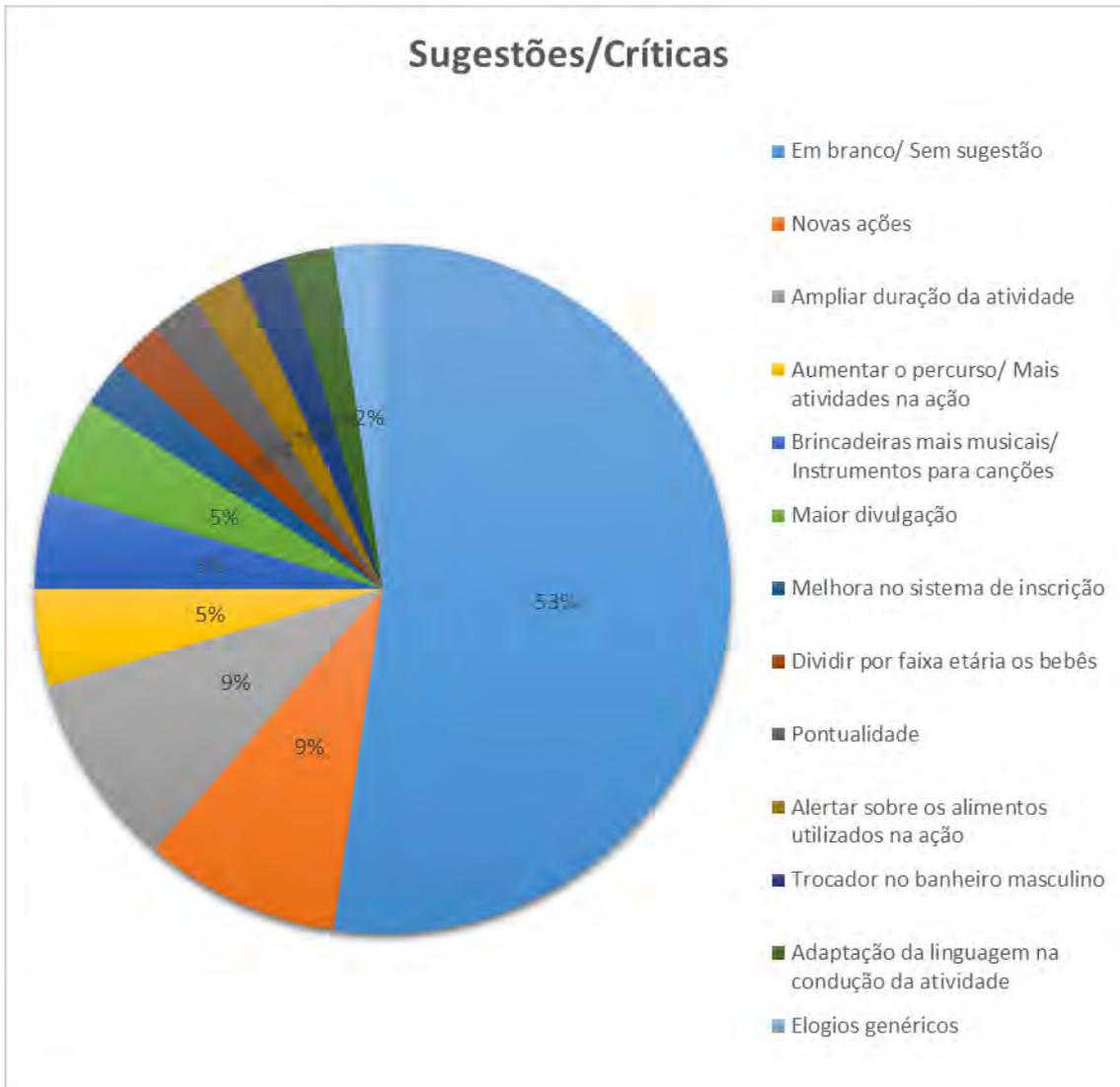
Na questão aberta em que se solicitava ao participante indicar o que menos gostou na ação a maior parte optou por deixá-la em branco, 62%. Outros indicaram que haviam gostado de tudo, 14%, 5% fizeram elogios genéricos e 2% sugeriram a realização de novas atividades para bebês. Sendo assim, as críticas de fato restringem-se à 17% da amostra. A principal foi ampliar o tempo de duração da atividade, 7%. Também aparecem as seguintes críticas: demora para o início da atividade, 3%, piso irregular de alguns dos espaços, 2% e inscrições 2%. Há ainda 2% que afirmaram que o clima frio prejudicou a atividade, 2%.



A maioria dos respondentes não realizou sugestões ou críticas, 53%. Dentre as sugestões mais apontadas estão a realização de novas atividades para bebês e a ampliação da duração da atividade, ambas representadas em 9% da amostra. Entre as sugestões para novas ações ainda figuram o uso da música como linguagem e a inclusão de novas atividades no percurso, ambas com 5%.

Há apontamentos sobre questões de infraestrutura e organização do museu, tais como: instalação de trocador no banheiro masculino (2%) e pontualidade no início da ação (2%). Percebemos também sugestões para divulgação e sistema de inscrições em 4% da amostra.

Quanto à atividade educativa propriamente houve uma crítica contundente em relação à linguagem utilizada pelos educadores que não era claramente direcionada a nenhum dos públicos bebês ou pais, 2%. Ainda que seja uma colocação pontual é importante ter em mente que a ação é voltada para as famílias, o que pressupõe a adaptabilidade da linguagem. Como se tratam de bebês que ainda não falam, de fato, deve-se priorizar a condução da atividade com os pais para que esses interajam com os bebês.



5. Considerações finais sobre a atividade Primeiros Passos no Museu

Desde o momento da concepção da atividade *Primeiros Passos no Museu*, a intenção era de tornar este espaço museal convidativo e acessível ao público da primeira infância e seus familiares. Trata-se da promoção de um encontro geracional no qual bebês e pais pudessem explorar o Museu de Arte Sacra de São Paulo. Dada a especificidade desse público é importante salientar que as atividades propostas partiram da exploração sensorial do acervo e da ambiência do museu, já que o que a diferencia de uma atividade recreativa destinada para esse perfil de público é justamente a especificidade do local em que foi desenvolvida. Dito de outra forma, trata-se de explorar a materialidade do edifício e dos objetos a partir de recursos sinestésicos e materiais educativos que privilegiem a interação entre bebês e seus responsáveis.

Outro dado importante é a percepção que esse público não é contemplado normalmente em ações promovidas por museus. A realização de ações para esse público com maior regularidade certamente colaborariam para o incentivo da visitação à equipamentos museais desde a primeira infância, além de estimular a visitação aos museus para que possa se tornar um hábito não só para os bebês, mas entre os próprios adultos que muitas vezes optam por conhecer o museu em razão de seus filhos pequenos.

Entendemos que o núcleo familiar é o primeiro responsável pela sociabilização das crianças e que se as estimulam desde a primeira infância para a visitação de museus e espaços culturais. Caso esse hábito fosse mais disseminado, a escola, principal agente disseminador da cultura de visitação aos museus entre a população paulista, e os próprios educativos de museus teriam um papel mais equilibrado no processo do estabelecimento de relações entre o público e as obras de arte e a própria instituição museal.

Estes foram os primeiros passos destes bebês em um museu, mas também foram os primeiros passos de muitos pais e familiares no Museu de Arte Sacra. A atividade trouxe famílias inteiras que talvez não visitariam o museu sem uma programação específica para eles. Por isso, a importância da multiplicidade de ações que contemplem as diversas faixas etárias daqueles que buscam o Museu de Arte Sacra espontaneamente em busca de lazer e da sociabilização.

6. Referências Bibliográficas

BRANDÃO, R. P. de A. *Desenvolvimento psicomotor na educação*. Set. 2017. 8f. Pós-Graduação em Educação Inclusiva. Faculdade Metropolitanas Unidas. Notas de aula. Arquivo digital.

MUSEU LASAR SEGALL. *I Seminário Bebês no Museu: experiências. Parceria dos educativos do Museu Lasar Segall e da Casa das Rosas, para discussão de experiências com bebês em instituições culturais*. 06 de Agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5OcDgJUI0uI>>.

PIAGET, J. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

7. ANEXOS

Anexo I – Roteiro

Primeiros passos no Museu

Este roteiro propõe apresentar o espaço do Museu de Arte Sacra de São Paulo, para um público ainda não atendido em roteiros específicos: bebês. O objetivo é promover um encontro geracional entre bebês e seus pais e/ou responsáveis, dentro do museu. Para que a visita seja adequada tanto aos bebês, quanto aos adultos, a intenção será trabalhar com os sentidos das diferentes gerações; e o modo como eles percebem e sentem o mundo, o MAS e uns aos outros.

Para a visita, foram organizados 3 espaços, com 3 propostas, cada uma focando um sentido.

Solicita-se que os responsáveis tragam os bebês em cangurus ou no colo, evitando-se carrinhos de bebê; para que se possa realizar as atividades. Os bebês podem vir descalços ou com calçados fáceis de serem retirados.

Sala da Taipa – Tato

O primeiro sentido a ser explorado será o Tato. No Jardim dos Fundos, os bebês explorarão uma caixa de bambu com materiais utilizados para a construção do prédio (barro, pedras, folhas e água). Os bebês poderão andar sobre essas diferentes texturas, sentindo as diferentes texturas com os pés. Os pais/responsáveis podem guiar os bebês e também podem pisar descalços, nos materiais da caixa (uma área igual da Figura 1 para cada textura).

No caminho do Jardim para a sala Taipa, os bebês poderão explorar e compreender seu espaço tocando e abraçando as paredes, para entender as diferentes espessuras (batente de porta, parede de taipa de pilão e de pau-a-pique), e as texturas do barro seco das paredes.

A conversa se inicia analisando as paredes e buscando dentro dos buracos das paredes de taipa de pilão, bichinhos em *toy art*, que produzem o esterco (vaca, cavalo, burro, boi e porco).



Figura 1 – Modelo de caixa de bambu (Fonte: <https://www.theodorahome.com.br/lojas/00019925/prod/027030001foto1z.jpg>)

Materiais utilizados:

- Caixa de bambu, forrada com plástico;
- Barro/Argila (questionar se há alguém com alergia ou fazer a receita de massinha comestível: açúcar mascavo e água);
- Saco de 20kg de pedras ornamentais (seixo rolado - dolomita);
- Folhas, palha e fibras vegetais;
- Água;
- Caixa para deixar os calçados guardados;
- Toalhas (papel ou tecido, caso queiram limpar os pés).

Claustro - Audição

O segundo espaço, claustro, terá como o foco o sentido da audição. Explorando o espaço como ambiente de silêncio, em meio à cidade; no claustro, todos os sons produzidos são amplificados pelo eco. Com os bebês, os sons de risadas, choros e das primeiras palavras poderão ser amplificados.

Os responsáveis/pais poderão relembrar sons de sua infância, especialmente cantigas.

Opção de cantiga:

Se essa rua
Se essa rua fosse minha
Eu mandava
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Para o meu
Para o meu amor passar

Nessa rua
Nessa rua tem um bosque
Que se chama
Que se chama solidão
Dentro dele
Dentro dele mora um anjo
Que roubou
Que roubou meu coração

Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
Tu roubaste
Tu roubaste o meu também
Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
É porque
É porque te quero bem

Possibilidade dos bebês andarem pelo chão de pedrinhas do claustro e perceber o contraste de textura com a grama.²⁵

Alecrim, Alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Alecrim, Alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Pode-se utilizar alguns ramos de alecrim, para que os bebês e pais sintam os cheiros; enquanto cantam esta cantiga.

Materiais utilizados:

- Ramos de alecrim;
- Almofadas;
- Tecidos coloridos para encapar as almofadas.

Sala Cofre - Visão

A última sala, terá como foco o sentido da visão, trabalhando com o conceito de luz como ponto de referência e localização. A atividade também pode ser realizada na Sala do Cofre, explorando o conceito de brilho como luz refletida nos metais dos objetos lá expostos. A intenção será trabalhar com o direcionamento dos bebês, guiando-se por luzes. Em um túnel de papelão, os bebês poderão engatinhar, seguindo as luzes de pisca-pisca no teto da caixa (exemplo na Figura 2) em direção à uma cortina de luzes (como mostra a Figura 3) na saída. Os pais/responsáveis poderão auxiliar com sons, chamando os bebês em sua direção. É importante que a sala esteja com as janelas e porta fechadas, diminuindo a iluminação, para que as luzes fiquem bem visíveis aos bebês.



Figura 2 – Túnel de luzes, com pisca-pisca (Fonte: <http://www.maezissima.com.br/brincar/brincadeiras-para-bebes/#prettyPhoto>).

²⁵ Verificar limpeza do local antes da atividade, e presença de pregos ou outros materiais no chão.

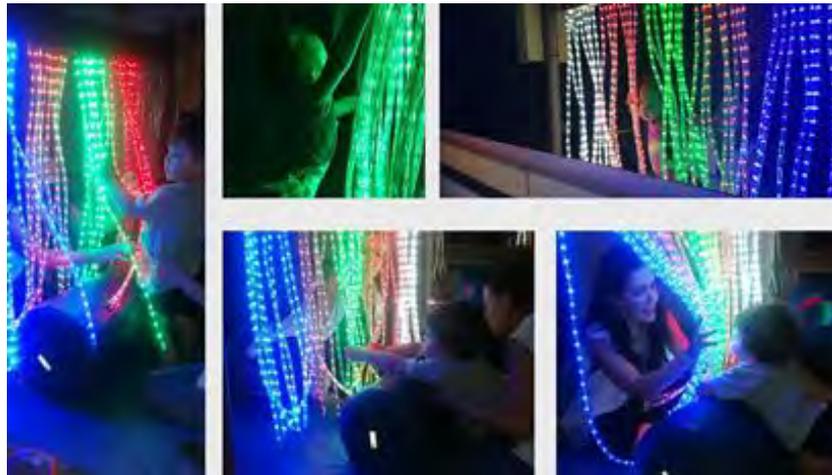


Figura 2 – Cortina de luzes, com fitas de LED (Fonte: <https://www.adevip.org.br/projetos>).

Materiais utilizados:

- Túnel de Luz
 - Caixa grande de papelão;
 - Tecidos/papéis para forrar a caixa;
 - 1 rolo de fita de LED colorida;
 - 1 jogo de pisca-pisca;
 - Tecido transparente para cobrir as lâmpadas.

Anexo II – Pesquisa de público aplicada aos participantes da ação



PRIMEIROS PASSOS NO MUSEU



Nome: _____
 Ocupação: _____ Formação: _____
 Faixa Etária:
 18 a 24 anos 40 a 49 anos
 25 a 29 anos 50 a 59 anos
 30 a 39 anos 60 anos ou mais

Reside na cidade de São Paulo?
 Sim Não
 Se não, em qual cidade? _____
 Se sim, em que região?
 Norte Leste Centro
 Sul Oeste

Grau de parentesco ou vínculo com a criança: _____

Nome da criança: _____
 Idade: 0 a 3 meses 10 a 12 meses 19 a 21 meses
 4 a 6 meses 13 a 15 meses 22 a 24 meses
 7 a 9 meses 16 a 18 meses + de 24 meses

Sexo:
 Feminino Masculino
 Outro/Não declarado

A criança está matriculada em alguma instituição regular de ensino (creche, escola infantil, etc.)?
 Sim Não

1 Como soube da atividade *Primeiros Passos no Museu*?
 Site do Museu Facebook do museu
 Folder de programação Facebook de particulares
 Mailing Canais de internet (blogs, portais de notícias)
 Indicações de amigos Outro: Qual? _____

2 Essa é a primeira vez que você visita o MAS-SP?
 Sim Não

3 Tem interesse em participar de outras ações que envolvam bebês e adultos no MAS-SP? Sim Não

4 A criança já participou de outras atividades em espaços culturais voltadas para essa faixa etária?
 Sim. Onde? _____ Não

5 Se sim, a criança costuma frequentar atividades voltadas para essa faixa etária, em espaços culturais, com que frequência?
 Quinzenalmente Mensalmente Bimestralmente Semestralmente

6 Atribua um conceito aos seguintes aspectos da atividade:

	Otimo	Bom	Regular	Ruim
Inscrição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divulgação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Duração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atuação dos educadores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Materiais utilizados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adequação à faixa etária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Possibilidade de interação entre adultos e crianças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Possibilidade de interação entre as crianças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condições gerais dos banheiros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condições para os responsáveis (homens e mulheres) utilizarem os trocadores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Condições para os responsáveis (homens e mulheres) amamentarem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7 Dentre os itens listados, indique os **03 (três)** principais contribuições da atividade realizada:

Coordenação motora Percepção auditiva Sociabilização da criança
 Percepção visual Desenvolvimento da linguagem Inserção dos bebês em espaços culturais
 Outra. Qual? _____

8 Do que você mais gostou na visita? 9 Do que você menos gostou na visita? 10 Quais são suas sugestões ou críticas?